

# Crença no Brasil do futuro

*"Demain est une puissance cachée."*

Paul Valéry

**E**SCREVO no momento em que o país passa pelo período mais grave de sua vida político-econômica. Uma longa recessão mundial, que reduziu grandemente suas exportações, a alta crescente do dólar, como da taxa dos juros, o imoderado aumento do preço do petróleo que de 1973 a 1983 passou de 2,50 dólares por barril para 32 ou 34 dólares, a redução do preço de produtos primários em quase 50%, tudo isso concorreu para que o Brasil tivesse de enfrentar uma difícil situação com relação ao pagamento de sua dívida externa. Apesar do progresso do país, do crescimento de seu produto bruto à taxa média de 8% nos últimos doze anos, não foi possível ao Brasil fazer face ao pagamento de seus compromissos externos tão acrescidos pela alta dos juros e do custo da própria moeda de pagamento — o dólar. E está ele obrigado a fazer uma difícil e penosa negociação com seus credores externos para obter dilatação dos prazos de pagamento, recomposição de dívidas e novos créditos necessários a manter o intercâmbio do país para evitar a asfixia total. O processo de recomposição é longo, incertos seus rumos finais, e submete-nos a estrangulamentos como nos obrigam à adoção de uma política de austeridade de difícil imposição em se tratando de um país com uma população de 120 milhões de pessoas, com graves desigualdades de renda e de possibilidades de emprego. Como fazer face à necessidade de criação anual de mais de um milhão de empregos para permitir a entrada dos jovens no mercado de

trabalho, se nos é imposta uma política de recessão? Vê-se bem a gravidade social da atual conjuntura brasileira. E quando se tem em vista que o serviço da dívida e juros absorve cerca de dois terços da receita de exportação, compreende-se bem a dureza da situação que enfrenta o Brasil.

O endividamento externo do País, considerado por tantos como excessivo, se fez como um recurso à necessidade de expansão de sua economia. O Brasil está condenado a um crescimento contínuo, sob pena de graves distúrbios sociais. Com uma população que se expande à taxa anual de 2,2%, é necessário criarem-se de um milhão a um milhão e meio de empregos a cada ano, para não se manter uma parcela considerável de sua população fora do mercado, e fora do emprego. Ora, essa expansão só se pode dar pelo recurso ao financiamento, interno e externo. É impossível pensar-se na expansão normal do país a partir apenas de seus recursos financeiros internos, ou em convertê-los em uma autarquia. É necessária a busca de recursos externos que ajudem o processo natural de expansão da economia do país. E essa necessidade precisa encontrar respaldo na organização financeira internacional que deve fornecer, em troca de sua remuneração, os recursos necessários a suplementar um crescimento natural.

No caso do Brasil, os recursos externos serviram para complementar uma expansão econômica adequada. Os recursos, tanto internos

como externos, foram aplicados, em sua maioria, em projetos de prioridade econômica: usinas hidroelétricas, exploração de recursos minerais, melhoria dos portos visando à exportação, construção de ramais rodovias e ferroviários, desenvolvimento da agricultura, programa de álcool motor para minorar a necessidade de importação de petróleo, construção de centrais nucleares, acréscimo de prospecção e pesquisa petrolífera, e outros setores. Graças a isso, a economia do País expandiu-se consideravelmente, mantendo-se e acrescentando-se mesmo o nível de vida da população, pela incorporação de parcelas cada vez maiores ao mercado, ao emprego, à educação, a níveis sanitários mais adequados, à melhor alimentação. Expandiu-se o país.

Perguntar-se-á agora: e que sucederá a partir do atual choque? Quais são as perspectivas do Brasil nos anos próximos? Minha resposta é otimista. Estamos talvez no meio do túnel. Mas, mesmo no meio do túnel, podemos vislumbrar raios de luz que nos permitem acreditar no futuro do país.

Em primeiro lugar, o procedimento admirável do seu povo. Ele tem sabido enfrentar com bravura e serenidade as dificuldades do momento. As restrições que lhe são impostas são aceitas com compreensão. Aqui ou ali, manifestações de revolta são o natural corolário das dificuldades reais, mas constituem fenômenos isolados. O operariado tem compreendido os motivos das restrições que são feitas pela política econômica do Governo. A população sofre dificuldades várias na sua existência quotidiana e que frequen-

temente dizem respeito às necessidades básicas da vida. O sofrimento é real mas não é o sofrimento do desespero, porque o país não pensa senão em quando terminará a crise e voltará à normalidade para retomar o ritmo do seu crescimento. A classe empresarial deseja também concorrer para a normalização da situação. Ajusta-se também à situação de dificuldades e busca contribuir com soluções. O esforço de exportação que o país faz é exemplo disso. É intensa a procura de mercados, a introdução de novos métodos, de novos produtos, de fórmulas negociais novas. Longe de enfiar a cabeça na areia para esperar o fim do vendaval, o empresariado a mantém bem ereta, procurando meios e modos de vencer a crise. Há um diálogo permanente entre as forças produtivas, a sociedade civil e a classe política.

**O** aspecto mais importante do atual momento brasileiro é a participação que a sociedade tem na discussão e na solução dos vários problemas que atormentam a nação. Ninguém está indiferente aos destinos do país. Todos querem concorrer para a tomada de decisões as mais adequadas para que cedo se normalize a situação.

E que tem o Brasil em seu ativo para enfrentar a reconstrução de sua economia e a retomada de seu crescimento? Uma dimensão territorial que é a de um continente, que se espria desde o Equador ao Trópico de Capricórneio, com sete mil quilômetros de costa sobre o Oceano Atlântico; seu território é cortado

por um grande número de rios que, além da navegabilidade e da riqueza de pesca, representam um potencial hidro-elétrico ainda não totalmente medido, mas que já pode garantir a produção de eletricidade superior a 200 mil megawatts; uma reserva enorme de terras aptas para a agricultura, que o colocam no segundo lugar mundial como exportador de produtos agrícolas, e que se pode ainda desdobrar consideravelmente, uma riqueza mineral de monta, contendo grandes reservas de minério de ferro, cobre, manganês, bauxita, zinco, níquel, prata, ouro, ainda que o país seja insuficiente em petróleo e carvão; uma população que amalgama várias raças e etnias diversas, mas que mantém uma unidade de língua, costumes, e admirável coesão em torno à pátria; um parque industrial já bastante desenvolvido que lhe permitiu reduzir consideravelmente suas importações e assegurar-lhe exportações superiores a vinte bilhões de dólares.

E quais são suas fragilidades? Antes de tudo uma grande desigualdade social, uma diversidade muito grande quanto aos salários e ao nível de vida de modo geral, que em parte reflete a diferença de condições mesológicas; a existência de uma parcela significativa de sua população ainda analfabeta, e fora do mercado de trabalho; a necessidade do alargamento contínuo de suas possibilidades de trabalho e remuneração, dado o alto crescimento de sua população a uma taxa de 2,2%; a persistência da inflação.

Mas, as possibilidades econômicas do País são consideráveis. Dispõe de um mercado interno em fran-

ca expansão para atender a uma população superior a 120 milhões de pessoas. Tem condições muito competitivas para exportação, desde a de produtos primários, como café, açúcar, cacau, soja e vários produtos alimentares, como ainda minério de ferro, manganês, até a de produtos industrializados, que já respondem por 57,48% no orçamento de exportações em 1982, e cuja gama vai desde produtos simples como suco de laranja ou óleo de soja bruto, até automóveis, motores, aviões, armamento.

E as riquezas do país estão longe de terem sido exploradas. Uma só região do Norte do Brasil, a de Carajás, apresenta a singularidade de ser ao mesmo tempo propícia para empreendimentos agropecuários, como a de constituir uma área de grandes jazidas de minério de ferro, cobre, bauxita, níquel, manganês, ouro e outras ocorrências, cujo aproveitamento dará um grande impulso à receita da Nação.

Creio, pois, que minha confiança no futuro do Brasil não se alimenta apenas no amor à Pátria, mas parte de dados da realidade que estão à vista de todos. Acredito que com a normalização do sistema de trocas internacionais, com a abertura dos mercados de importação e com a regularização do mercado financeiro mundial, voltará a normalidade para meu país. E poderá ele continuar a desenvolver seus recursos naturais com o trabalho e a engenhosidade de sua população para alcançar o lugar que lhe cabe na sociedade das nações.

L. G. DO NASCIMENTO E SILVA  
Embaixador do Brasil na França